

CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO

DIOGO FARIA CORRÊA DA COSTA

**AS IMAGENS DO INCONSCIENTE NO BRINCAR DE UMA CRIANÇA EM
PSICOTERAPIA:
UM ENTENDIMENTO JUNGUIANO**

Santa Maria

2004

DIOGO FARIA CORRÊA DA COSTA

**AS IMAGENS DO INCONSCIENTE NO BRINCAR DE UMA CRIANÇA EM
PSICOTERAPIA:
UM ENTENDIMENTO JUNGUIANO**

Trabalho Final de Graduação
Para obtenção de grau de psicólogo
Centro Universitário Franciscano
Área de Ciências da Saúde
Curso de Psicologia

Orientadora: Mariana Balieiro Mussoi

Santa Maria

2004

AGRADECIMENTOS

Para meus pais, Wilson e Nilce, os quais amo muito e devo a realização deste sonho, a minha orientadora Professora Mariana pela coragem de acolher este desafio, pela compreensão e pelo que aprendi . E especial reconhecimento a minha co-orientadora Corina, pelo exemplo de profissionalismo, humanidade e, principalmente, pelas lições que há muito venho aprendendo com ela. Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um entendimento teórico e psicodinâmico de um estudo de caso, onde procurou-se estudar as imagens do inconsciente manifestadas no brincar de uma criança em psicoterapia. Seguiu-se o referencial teórico da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung para a compreensão do caso.

Imagem, na concepção da psicologia junguiana, representa uma ponte entre a situação psíquica inconsciente e a momentânea consciente do paciente. A imagem é capaz de possibilitar a aproximação entre os conteúdos do inconsciente que procuram maior conscientização e que são capazes de trazer novas possibilidades e potencialidades para o amadurecimento psicológico do paciente e que se encontravam latentes no inconsciente do mesmo.

Palavras-chave:

Imagem, arquétipo, inconsciente.

ABSTRACT

This paper presents a psychodynamic and theoretical understanding of a study of case, which focused on the study of the images of the unconscious expressed in the play of a child in psychotherapy. All the study followed the theoretical approach of the Analytical Psychology of Carl Gustav Jung.

Image, in the Jungian conception, represents a bridge between the psychic unconscious situation and the current conscious situation of the patient. An image is capable to allow an approach between unconscious contents which aim to a major consciousness and is also capable to bring new possibilities and potentialities for the psychological development of the patient, that were latent in the unconscious.

Key-words:

Image, archetype, unconscious.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
2 METODOLOGIA	20
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	21
3.1 Caracterização do Sujeito	21
3.2 Entendimento Teórico e Dinâmico do Caso	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXOS	55

INTRODUÇÃO

Imaginemos o trabalho com crianças: o consultório, os brinquedos e demais materiais lúdicos, o par analítico – paciente e terapeuta – e, da combinação de todos esses elementos, os frutos que podem advir deste ambiente cuidadosamente pensado e organizado para o trabalho analítico com crianças.

Desse *setting* surgem sentimentos, idéias, descobertas, lembranças muitas vezes dolorosas, mas necessárias para que novas possibilidades de crescimento possam surgir e novos caminhos a trilhar. E por que não pensarmos em **imagens**, imagens inconscientes que representam este movimento do indivíduo rumo ao seu amadurecimento psicológico.

O presente trabalho destina-se a trazer uma singela contribuição ao estudo de tais imagens. A idéia de trabalhar com este tema surgiu a partir dos atendimentos com crianças no Estágio Específico I e II realizado no Núcleo de Práticas Profissionais do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – na cidade de Santa Maria, RS. O NUPP é uma clínica escola com uma proposta multiprofissional, congregando estagiários dos cursos de Psicologia, Enfermagem, Nutrição, Serviço Social e Fisioterapia da UNIFRA.

Durante a minha formação acadêmica participei de um grupo de estudos sobre a **Psicologia Analítica** de **Carl Gustav Jung** (1875-1961) e este grupo influenciou sobremaneira minha orientação teórica e direcionou minha atenção para o estudo do simbolismo contido na obra de Jung. Meu olhar passou a ser sustentado pelas idéias de Jung e

decidi trazer esta contribuição para a confecção desse trabalho.

Imagem, na concepção junguiana, é algo capaz de representar, figurativamente, a situação inconsciente em que vive determinada pessoa. Uma imagem pode ser rica em símbolos, em personagens, em situações, em sentimentos e é produzida espontaneamente por nosso inconsciente. É como se o inconsciente fosse um pintor, um artista, o qual, a cada dia, decidisse pintar um quadro repleto de elementos e imagens, muitas vezes, incompreensíveis para quem o admirasse, porém denso em significações para aquele que o produziu.

Uma das principais contribuições de Jung para o campo da Psicologia consiste no estudo das imagens produzidas pelo inconsciente. Jung dedicou-se ao estudo daquilo que ele denominou *imagens primordiais* ou *arquetípicas*, isto é, imagens arcaicas, dotadas de um caráter coletivo e de um simbolismo ímpar. Tais imagens encontram representação na mitologia dos povos, personificadas por deuses, deusas e demais figuras mitológicas.

Dessa forma, Jung utilizou-se da mitologia como uma metáfora capaz de personificar forças psíquicas inconscientes, as quais denominou de *arquétipos*. O arquétipo, de acordo com JUNG (2000, p. 91), “é um elemento vazio e formal em si, (...) uma possibilidade dada a priori (...). O que é herdado não são as idéias, mas as formas”. Então, os arquétipos são **possibilidades** de comportamento, **potencialidades** que podem ser vividas e que fazem parte da herança cultural da humanidade registrados no *inconsciente coletivo*. Quando um arquétipo é ativado ele manifesta-se através de uma imagem, é a imagem que possibilita a aproximação do ego com as potencialidades que o arquétipo carrega.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é realizar um entendimento teórico e dinâmico, através de um estudo de caso, de algumas imagens do inconsciente expressas no brincar de uma criança em psicoterapia, seguindo o referencial teórico da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

Além disso, como objetivos específicos, explorar a abordagem imagética que a Psicologia Analítica atribui às expressões do inconsciente, dentre elas, o simbolismo das imagens e trazer uma contribuição teórica da Psicologia Analítica para a psicoterapia infantil.

Acredito que a melhor justificativa para a escolha e para o desenvolvimento da temática desse trabalho seja a influência que a Psicologia Analítica de Jung tem sob o meu entendimento teórico e prático da psicoterapia infantil. Durante a realização do Estágio Específico I e II, meu olhar em cada caso foi perpassado pelas idéias de Jung e seus seguidores, mesmo nas supervisões e seminários clínicos procurava trazer a contribuição da Psicologia Analítica para o entendimento dos casos estudados.

Portanto, a fim de justificar a escolha deste tema, penso ser importante destacar a contribuição que a Psicologia Analítica pode trazer para o campo da psicoterapia infantil. Em outras palavras, o estudo que empreitei durante os anos de minha graduação, juntamente com a orientação deste trabalho, possibilitaram compor um estudo que contribui para a Psicologia enquanto ciência que se propõe estudar as complexas manifestações do psiquismo humano.

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A partir do que foi exposto na introdução deste trabalho, convém destacarmos, inicialmente, algumas contribuições que exploram o conceito de imagem dentro da concepção da Psicologia Analítica de Jung.

A Psicologia Analítica distingue dois tipos de imagens do inconsciente. Segundo SILVEIRA (1992), destacam-se imagens provenientes do **inconsciente pessoal**, onde expressariam conteúdos, emoções e vivências do indivíduo e de suas *experiências pessoais*, e imagens que concernem ao **inconsciente coletivo**, tais imagens são dotadas:

(...) de caráter impessoal que se configuram a partir de disposições inatas inerentes às camadas mais profundas da psique, à sua estrutura básica (inconsciente coletivo). Jung denominou-as imagens arquetípicas. Configuram vivências primordiais da humanidade, semelhantes nos seus traços fundamentais, em toda parte do mundo, podendo revestir-se de roupagens diferentes de acordo com a época e as situações em que se manifestam, exprimindo, porém, sempre os mesmos efeitos e idéias (SILVEIRA, 1992, p. 86).

Convém destacarmos, também, que tais imagens carregam uma simbologia considerada universal, isto é, encontrada no estudo da mitologia, nos contos de fadas, lendas, na história das religiões, na antropologia cultural. Portanto, dentro da Psicologia Analítica, o estudo da mitologia é essencial para a compreensão das imagens trabalhadas em psicoterapia.

Com relação à importância da mitologia e dos mitos para o estudo da imagem, Jung, citado por NEUMANN (2003), afirma:

(...) “O mitologema é a linguagem primordial desses processos psíquicos e nenhuma formulação intelectual consegue sequer aproximar-se da profundidade e da força de expressão das imagens míticas. Trata-se de imagens primordiais cuja representação faz-se melhor e da forma mais sucinta utilizando-se a linguagem figurativa”. Essa “linguagem figurativa” é a linguagem dos símbolos, a linguagem original do inconsciente e da humanidade (NEUMANN, 2003, p. 28).

Sendo assim, no entendimento teórico e dinâmico do estudo de caso em questão, farei uso da mitologia a fim de representar algumas imagens que compõem o foco deste trabalho.

De acordo com PIERI (2002), Jung acreditava que deveríamos estudar a imagem tendo em mente a sua relação com a consciência, e mais geral, em relação à psique individual e coletiva, isto é, “a imagem entende-se como a expressão da dinâmica psíquica inteira e do entrelaçar-se desta última com todo objeto específico” (PIERI, 2002, p. 234).

Jung, citado por PIERI (2002), resume o que ele entende por imagem e sua dialética com o inconsciente e o consciente:

A imagem é, portanto, expressão tanto da situação inconsciente quanto da momentânea consciente. Não se pode, pois, interpretar seu sentido só a partir da consciência ou só do inconsciente, mas apenas a partir de sua relação recíproca (PIERI, 2002, p. 234).

Jung acreditava que nosso inconsciente produzia espontaneamente tais imagens e que essa capacidade representava uma *função criativa* da psique, no sentido de impulsionar o indivíduo rumo a sua verdadeira essência, isto é, rumo à individuação, de acordo com a terminologia junguiana.

Com relação a essa função criativa, Jung, citado por SILVEIRA (1992) afirma o seguinte:

(...) Pintar aquilo que vemos diante de nós é uma arte diferente de pintar o que vemos dentro de nós. O que importa é o indivíduo dar forma, mesmo que rudimentar, ao inexprimível pela palavra: imagens carregadas de energia, desejos e impulsos. Somente sob a forma de imagens a libido poderá ser apreendida viva, e não esfiapada pelo repuxamento das tentativas de interpretações racionais (SILVEIRA, 1992, p. 86).

Convém agora conceituarmos como Jung compreendia a estruturação da psique e para tanto é fundamental pensarmos na sua abordagem do inconsciente.

Jung notabilizou-se por sua teorização acerca do inconsciente coletivo, diferindo de Freud e da tradição psicanalítica que divide o inconsciente em três instâncias psíquicas: o id, o ego e o superego.

O inconsciente, para Jung, divide-se em: inconsciente coletivo e inconsciente pessoal. Com relação ao inconsciente pessoal, JUNG (2002) afirma:

(...) tornou-se clara a distinção, no inconsciente, de uma camada que poderíamos chamar de *inconsciente pessoal*. Os materiais contidos nesta camada são de natureza pessoal porque se caracterizam, em parte, por aquisições derivadas da vida individual e em parte por fatores psicológicos, que também poderiam ser conscientes. (...) Os conteúdos inconscientes são de natureza *pessoal* quando podemos reconhecer em nosso passado seus efeitos, sua manifestação parcial, ou ainda sua origem específica (JUNG, 2002, p. 11-12).

Já a noção do inconsciente coletivo surgiu da análise dos casos de pacientes psicóticos, os quais expressavam em pinturas, desenhos, esculturas e também em sonhos, visões e delírios, imagens que poderiam ser consideradas totalmente *impessoais*, isto é, desvinculadas das histórias de vida de seus pacientes e, portanto, assumindo um caráter coletivo e generalizado.

Dessa forma, JUNG (2002) estudando a transferência no caso de uma paciente chega a seguinte conclusão:

(...) surge do inconsciente de uma pessoa civilizada uma imagem divina autêntica e primitiva, produzindo um efeito vivo, que poderia dar o que pensar a um psicólogo da religião. Nessa imagem nada há que possa ser considerado “pessoal”; *trata-se de uma imagem totalmente coletiva*, cuja existência étnica há muito é conhecida. Trata-se de uma imagem histórica que se propagou universalmente e irrompe de novo na existência através de uma função psíquica natural. (...) É o caso de um *arquétipo* reativado, nome com que designei estas **imagens primordiais** (JUNG, 2002, p. 13).

SILVEIRA (2001) muito apropriadamente nos esclarece sobre o conceito de **arquétipo**, o qual ainda está muito envolto por confusão e mal-entendidos. Ela nos adverte

afirmando que: “os arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma” (SILVEIRA, 2001, p. 68).

Ainda seguindo as idéias de SILVEIRA (2001) os arquétipos:

(...) resultariam do depósito das impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os seres humanos, repetidas incontavelmente através de milênios. Vivências típicas, tais como as emoções e fantasias suscitadas por fenômenos da natureza, pelas experiências com a mãe, pelos encontros do homem com a mulher e da mulher com o homem, vivências de situações difíceis como travessia de mares e de grandes rios, a transposição de montanhas, etc (SILVEIRA, 2001, p. 68-69).

Após esta breve teorização acerca dos conceitos de imagem e arquétipo convém mencionarmos um arquétipo em especial que será abordado no entendimento teórico e dinâmico do caso. Trata-se do arquétipo da **Grande Mãe**.

NEUMANN (2003), no livro *A Grande Mãe. Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*, afirma que:

O aparecimento desse arquétipo, assim como seus efeitos, podem ser observados ao longo de toda a história da humanidade, porquanto estão presentes nos rituais, nos mitos e nos símbolos desde os primórdios do homem, e igualmente nos sonhos, nas fantasias e nas realizações criativas de indivíduos enfermos e sadios do nosso tempo (NEUMANN, 2003, p. 19).

O arquétipo da Grande Mãe, segundo NEUMANN (2003, p. 25), agrupa a combinação das palavras “mãe” e “grande” e isso engloba uma reunião de símbolos coloridos pelo emocional. Sendo assim, NEUMANN (2003) complementa:

“Mãe”, neste caso, refere-se não somente a uma relação de filiação, mas também a uma complexa condição psíquica do ego, da mesma forma que o termo “grande” expressa o caráter simbólico de superioridade que a figura arquetípica possui em comparação com o que está presente em todos os homens e, aliás, em todas as criaturas (NEUMANN, 2003, p. 25).

Portanto, ao estudarmos esse arquétipo estamos nos referindo ao materno, à origem do ser humano, do desenvolvimento egóico, às forças do inconsciente, que podem ser comparadas a uma grande mãe que envolve e mantém sob sua dependência o filho ainda

imaturo e em desenvolvimento.

As imagens que se relacionam com este arquétipo, geralmente, representam figuras femininas fortes, que podem ter como exemplo as grandes deusas da mitologia grega como: *Deméter, Hera, Ártemis, Atena, Afrodite* e etc. Essas imagens podem apresentar características positivas ou negativas, além de outros símbolos que estão associados ao arquétipo.

Além disso, tais imagens podem apresentar elementos da natureza, como o mar, a árvore, a montanha, o ninho, o berço, a manjedoura, a Mãe Terra, a Mãe Natureza, a água, o pântano, a pedra. A Grande Mãe também pode ser representada como a senhora das plantas, a deusa das flores e das frutas, da vegetação. A senhora dos animais também é outra representação da Grande Mãe, a grande deusa e as feras, formas animais e humanas da Deusa. Esse arquétipo também apresenta-se como uma sacerdotisa, xamã, feiticeira, profetisa, envolta em mistério.

Convém lembrar, em termos gerais, que quando nos deparamos com uma imagem onde sobressaem características despersonalizadas e que tendem ao coletivo, estamos trabalhando com uma imagem arquetípica, que provém do inconsciente coletivo e está conectada a um determinado arquétipo. Porém, quando a imagem apresenta características mais pessoais, menos despersonalizadas, estamos em contato com uma imagem proveniente do inconsciente pessoal.

Então, como foi exposto a pouco, o arquétipo contém dois tipos de caráter: o caráter positivo e o caráter negativo. Dentro do caráter positivo destaca-se o aspecto nutridor, cuidador, protetor do feminino. O nutrir, o gerar, a relação mãe-filho, o elemento maternal, provedor de alimento, calor e proteção.

No entanto, há também o oposto, o caráter negativo representado pela *Mãe*

Terrível, que pune, priva, castiga e mantém sob domínio (inconsciente) os seus filhos. Essa característica negativa aparece em imagens geralmente associadas com figuras terríveis e assustadoras de monstros, animais devoradores, bruxas, feiticeiras, etc.

Correlacionando o que foi mencionado acima com a psicologia infantil, temos a seguinte contribuição de NEUMANN (2003):

Como expusemos em outra ocasião, o homem ancestral – assim como a criança – percebe o mundo “mitologicamente”, isto é, ele vivencia o mundo predominantemente formando imagens arquetípicas que projeta nele. A criança, por exemplo, vivencia em sua mãe, em primeiro lugar, o arquétipo da Grande Mãe, ou seja, a realidade de um Feminino onipotente do qual essa criança é totalmente dependente, e não a realidade objetiva e pessoal dessa mãe – a mulher historicamente individual –, aquela que surgirá como a figura da mãe para essa criança, quando mais tarde ela tiver desenvolvido o seu ego e a sua consciência (NEUMANN, 2003, p. 28).

Convém, agora, destacarmos como alguns autores pós-junguianos e o próprio Jung compreendem o desenvolvimento da personalidade.

Segundo WHITMONT (2000, p. 235), a psicologia junguiana revolucionou a concepção de uma personalidade estruturada e organizada em torno de um ego. De acordo com o referido autor, a contribuição de Jung à noção de evolução do ego deslocou-se para o “conceito de uma personalidade determinada pelo centro inconsciente e que gira em torno dele, o *Self*”.

Segundo FADIMAN & FRAGER (1986):

Jung chamou o *Self* de *arquétipo central*, arquétipo da ordem e totalidade da personalidade. Segundo Jung, ‘consciente e inconsciente não estão necessariamente em oposição um ao outro, mas complementam-se mutuamente para formar uma totalidade: o *self*’. (...) O *self* é com frequência figurado em sonhos ou imagens de forma impessoal – como um círculo, mandala, cristal ou pedra – ou pessoal – como um casal real, uma criança divina, ou na forma de outro símbolo de divindade (FADIMAN & FRAGER, 1986, p. 56).

Então, de acordo com a abordagem junguiana, o desenvolvimento da personalidade pode ser dividido em três fases:

A infância seria a fase na qual há uma identidade total não diferenciada, uma

identidade ego-Self, que gradualmente vai se separando, sendo que elementos do ambiente interagem como potenciais arquetípicos para produzir a primeira personalidade real.

A segunda fase estabelece a separação entre ego e Self. Esta fase representa a idade adulta, o que WHITMONT (2000) chama de *fase do estranhamento ego-Self*.

A última fase seria a do *retorno*, do preenchimento e realização do potencial da personalidade. Neste estágio pressupõe-se uma evolução rumo à totalidade do indivíduo, é representada pela velhice.

Assim, primeiramente, devemos pensar num ego indiferenciado do Self, o que a escola junguiana chama de *realidade unitária*, e isso explicaria muito dos comportamentos infantis caracterizados por uma ausência da noção de sujeito e ambiente. Jung utilizou-se do termo *participação mística* para indicar essa capacidade infantil de conectar-se via inconsciente com as demais pessoas.

Convém mencionar que esse termo foi cunhado pelo antropólogo Lévy-Bruhl e que gerou muita confusão por envolver a palavra mística. JUNG (1999), no seu livro *O Desenvolvimento da Personalidade*, afirma o seguinte com relação a esta confusão:

Nesta identidade não há nada de “místico”, como também não é absolutamente místico o metabolismo existente entre a mãe e o embrião. Essa identidade provém essencialmente do estado de inconsciência em que se encontra a criança pequena, fato que é conhecido de todos. (...) A falta de consciência é que origina a indiferenciação. Ainda não existe o “eu” claramente diferenciado do resto das coisas, mas tudo o que existe são acontecimentos ou ocorrências, que tanto podem pertencer a mim como a qualquer outro (JUNG, 1999, p. 45).

Na visão da psicologia junguiana, a criança vive muito daquilo que seus pais não vivem conscientemente e que, por se tratarem de conteúdos na grande maioria das vezes inconscientes, são vividos em forma de sintomas que perturbam a criança e seus pais. A criança está permanentemente influenciada pelo inconsciente de seus pais e isso corresponde pensarmos que ela faz “parte” do inconsciente dos mesmos até determinado momento em que seja capaz de diferenciar-se, constituindo um ego forte e maduro.

Assim, JUNG (1999) complementa:

Indubitavelmente será de grande utilidade para os pais saberem considerar os sintomas de seu filho à luz dos seus próprios problemas e conflitos. É dever dos pais proceder assim. (...) Por isso deverão os pais estar sempre conscientes de que eles próprios, em determinados casos, constituem a fonte primária e principal para as neuroses de seus filhos (JUNG, 1999, p. 46).

Ainda consoante as idéias de WHITMONT (2000) ele traça um paralelo entre a necessária experiência de separação ego-Self com imagens mitológicas que tentam representar esse estágio da evolução do desenvolvimento da consciência:

Essa fase na evolução da consciência, tanto do indivíduo como da espécie, foi simbolicamente representada nas imagens do bebê divino (consciência incipiente) no colo da Grande Mãe, isto é, a Mãe-Mundo, o inconsciente aborígine, o Self que é sentido como uma força cósmica opressiva. Para o bebê, a mãe verdadeira realiza esse Self continente. Ela é vivida como um força opressiva, amedrontadora, cósmica, doadora de vida. (...) Quando o ego do bebê começa a emergir, essa experiência arquetípica da Grande Mãe é projetada na mulher que por acaso é a mãe verdadeira do bebê ou preenche o papel de mãe (WHITMONT, 2000, p. 239-240).

Além disso, é interessante destacarmos que a meta do desenvolvimento da personalidade dentro da teoria junguiana é o que Jung chamou de **individuação**. Essa é também o objetivo da psicoterapia, ou seja, auxiliar o paciente a trilhar esse processo de individuação.

Para JUNG (2002), o ser humano naturalmente tem a tendência de dirigir-se a uma maturidade, o seu inconsciente impulsiona-o para essa meta:

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos o nosso próprio Self*, podemos, pois traduzir “individuação” como “tornar-se si-mesmo” ou “o realizar-se do si-mesmo” (JUNG, 2002, p. 49).

HART (2002) amplia o conceito de Jung sobre o processo de individuação, o qual deve ser o objetivo de qualquer trabalho psicológico, afirmando que individuação:

É a consciência mais plena possível de tudo o que forma nossa própria personalidade, e ela é abordada na autodisciplina constante, honesta e exigente que Jung chama de processo de individuação. Uma vez que, como dissemos, tudo o que é inconsciente em nós primeiramente encontra-se em projeção, o processo

envolve a remoção da projeção e a assimilação de seu conteúdo naquele ser consciente ao qual ele pertence – nosso próprio ser. Isso envolve a admissão cada vez maior de quem realmente somos (HART, 2002, p. 103).

A fim de finalizar essa revisão bibliográfica, cabe destacarmos como a Psicologia Analítica compreende dois conceitos técnicos importantes para a clínica: a transferência e a contratransferência.

Segundo PIERI (2002, p. 502), por transferência Jung entendia: “o processo psicológico (...) como um dos modos possíveis com que se realiza o fenômeno da projeção dos conteúdos psíquicos de natureza complexual (complexos) ou arquetípica”.

Com relação à introdução do conceito de transferência arquetípica, STEINBERG (1992) cita o artigo *Dois Ensaios de Psicologia Analítica*, onde Jung teoriza acerca desse tipo especial de transferência:

Ele descobriu que, em alguns casos raros, depois da análise reductiva, a libido liberada não conduziu a novas adaptações externas, mas seguiu a própria inclinação rumo ao inconsciente coletivo, ativando arquétipos que então eram projetados na transferência. As idéias que formulou na ocasião podem ser diferenciadas por duas hipóteses correlatas. Primeiro, a transferência é arquetípica, ou seja, nela os conteúdos coletivos são projetados sobre o analista; segundo, um desenvolvimento objetivo voltado para a individuação é inerente à transferência, isto é, o processo de transferência é, ele mesmo, arquetípico (STEINBERG, 1992, p. 16).

A contratransferência também foi um fenômeno que intrigou Jung e esse trouxe uma contribuição um tanto distinta do que prega a Psicanálise.

Jung trouxe a imagem do arquétipo do *Curador Ferido* como uma das formas de representar a contratransferência. Na mitologia grega, *Quíron* foi o centauro que ensinou *Asclépio* a arte da cura; no entanto, *Quíron* sofria de feridas incuráveis.

BRANDÃO (2000) conta-nos a estória de *Quíron*:

(...) esse Centauro foi um *grande médico*, que sabia muito bem compreender seus pacientes, por ser um *médico ferido*. (...) Sábio, ensinava música, arte da guerra e da caça, a moral, mas sobretudo a *medicina*. Foi o grande educador dos heróis, entre outros, de Jasão, Peleu, Aquiles e Asclépio. Quando do massacre dos Centauros por Hércules, Quíron, que estava ao lado do herói e era

seu amigo, foi acidentalmente ferido por uma flecha envenenada do filho de Alcmena. O Centauro aplicou unguentos sobre o ferimento, mas este era incurável (BRANDÃO, 2000, p. 90).

Então, segundo STEINBERG (1992, p. 31), “psicologicamente, isso significa não só que o paciente tem um curador dentro de si, mas também que quem cura está ferido”.

Pensando na estória de *Quíron*, quando BRANDÃO (2000) traz a questão de que o centauro tinha sido ferido “acidentalmente”, com uma “flecha envenenada”, podemos relacionar com a idéia central de Jung referente à contratransferência: o analista é tomado pelo sofrimento do paciente e luta contra essa “flecha envenenada” que foi “acidentalmente” projetada sobre ele.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um **estudo de caso** a partir do atendimento de uma criança durante o Estágio Específico I e II, realizado no Núcleo de Práticas Profissionais (NUPP) do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) na cidade de Santa Maria – RS.

Por se tratar de um estudo de caso optou-se por uma análise qualitativa dos dados constituídos pelas imagens do inconsciente da criança, vislumbradas no decorrer da psicoterapia da mesma, para um entendimento da sua evolução psicodinâmica.

Realizou-se, portanto, um entendimento do processo terapêutico pelo qual terapeuta e paciente empreitaram juntos, utilizando-se das imagens do inconsciente que surgiram na psicoterapia fazendo uso do referencial da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

Tais imagens foram selecionadas a partir da transcrição das sessões e do estudo das mesmas, onde se pôde observar a presença de determinadas imagens arquetípicas capazes de expressar a situação inconsciente da criança. Essas imagens, portanto, representam um recorte do caso, o qual não deve ser reduzido exclusivamente ao estudo de tais imagens.

Além disso, por questões éticas, foi solicitada à mãe da criança uma autorização por escrito, através do documento em anexo (Anexo E), para a utilização dos conteúdos e desenhos trabalhados em algumas sessões, a fim de compor os dados deste

trabalho. Os pais da criança ficaram cientes do tipo de trabalho a ser realizado, ao qual consentiram, sendo destacado que a privacidade da criança seria totalmente preservada. Portanto, farei uso de um nome ao acaso (**Juliana**) para indicar a criança, bem como outros nomes quando se tratarem dos pais da mesma.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

Juliana é uma menina de oito anos de idade, pele morena, cabelos pretos, longos e crespos, magra e de estatura compatível com sua idade. Ela é natural de Santa Maria e mora com os pais e mais um irmão de dez anos.

Ela foi encaminhada ao Serviço de Psicologia a pedido de seu neurologista por ser uma criança muito agitada, agressiva e com dificuldades de relacionamento interpessoal. Além disso, Juliana apresentava dificuldades na fala, sendo muitas vezes difícil de compreender o que ela estava falando e, também, dificuldades de aprendizagem. Juliana tinha dificuldade de se concentrar em aula, o que complicava o aprendizado da leitura e da escrita.

Com relação a essa agressividade e agitação, a mãe de Juliana (**Sra. Maria**) conta que ela não brinca com as demais crianças como uma criança normal, pois ela “só quer judiar das crianças” (sic), “as crianças não querem brincar com ela, elas tem medo dela” (sic).

Segundo sua mãe, “a amizade para ela, assim, parece que ela é ciumenta, é uma criança agitadíssima, (...) brinquedo para ela não existe, só quer judiar das crianças”

(sic). “Ela derruba as crianças, machuca elas, belisca, faz a criança chorar, é tudo assim o brinquedo dela, ela não quer brincar com a criança” (sic).

Essa agressividade evidenciava-se também no ambiente escolar, onde sua mãe era seguidamente chamada, devido a reclamações referentes à agitação da filha. “Eu ia lá e já tinha problema pra eu resolver e foi, foi até que disseram que eu ia ter que procurar um psicólogo para resolver o problema, né”(sic).

Quando perguntada o porquê da criança ser tão agressiva, a mãe respondeu: “Eu não sei te dizer mesmo o porquê que ela é assim, porque eu digo para ela, eu ensino ela ‘filha a gente não judia das crianças, tem que saber brincar, tu vai machucar elas’, falo com ela, né, sei lá, né,” (sic).

Juliana, aos dois anos de idade, apresentou um quadro de convulsões devido a uma infecção no ouvido e foi encaminhada ao neurologista. Esse realizou uma avaliação e alguns exames receitando o uso de medicamentos a fim de combater a infecção e controlar as convulsões. Somente depois, aos quatro anos de idade, a criança retornou ao neurologista por estar muito agitada e agressiva.

Juliana retornou ao neurologista para mais uma avaliação e esse constatou a presença de algumas seqüelas devidas às convulsões e indicou o uso de guardenal, a fim de controlar a agitação. Entretanto, os efeitos colaterais dessa medicação eram também prejudiciais para a criança e, de acordo com a mãe, esse medicamento não a estava ajudando.

Dessa forma, após um ano e meio, aproximadamente, de uso dessa medicação, a Sra. Maria retornou ao neurologista e solicitou que esse retirasse a medicação, afirmando que sua filha continuava ainda muito agitada e agressiva e que o medicamento só estaria complicando a situação. Foi nesta ocasião em que o médico encaminhou Juliana ao Serviço de Psicologia, a fim de compreender o que estaria causando toda esta agitação.

Com relação à aprendizagem, a Sra. Maria relata que a criança apresenta dificuldade de se concentrar na aula e, portanto, não consegue copiar o que a professora passa no quadro. Juliana, segundo sua mãe, “fica só de brincadeira na aula” (sic), “ela só quer brincar, ela não se interessa” (sic).

Com relação à linguagem, Juliana apresenta dificuldades de pronunciar o /r/ e troca o /d/ pelo /t/. Essas dificuldades foram constatadas na primeira série, onde a professora sugeriu que a mãe procurasse um acompanhamento fonoaudiológico para sua filha, o qual vem sendo feito paralelo às sessões de psicoterapia.

Os atendimentos de Juliana eram feitos duas vezes por semana em sessões de cinquenta minutos. Paralelo ao seu atendimento, eram feitas entrevistas mensais com sua mãe. Tais entrevistas priorizavam a fala da mãe e a escuta do psicólogo sobre a mesma, no sentido de propiciar uma troca de informações que viesse a enriquecer a psicoterapia da criança.

Dessa forma, as entrevistas com os pais foram de suma importância para o desenvolvimento da psicoterapia da criança, a fim de que se pudesse, aos poucos, ir dissipando e diferenciando aquilo que provinha dos pais e o que era da criança.

Então, considerando o que foi mencionado acima, pode-se pensar na problemática da criança de uma forma mais ampla e global, devendo-se inserir a vida dos pais na compreensão da dinâmica do caso.

A mãe de Juliana tem quarenta e cinco anos e trabalha como sorveteira. É uma mulher grande, obesa, cabelos longos, presos no topo da cabeça em forma de coque, geralmente usa saia e aparenta ser calma e bastante interessada na melhora da filha. Diz ser evangélica e que procura levar a filha à igreja sempre que possível. Foi quem procurou o Serviço de Psicologia e acompanha o desenvolvimento da psicoterapia de sua filha,

comparecendo às entrevistas mensalmente.

Entretanto, constata-se na fala da Sra. Maria um desconhecimento e uma certa estranheza com relação aos sintomas da filha, pois, de acordo com as entrevistas feitas com ela, geralmente, era uma outra pessoa quem percebia as dificuldades da menina e, então, sugeria que a Sra. Maria procurasse um atendimento especializado para a criança. Foi assim com as dificuldades de aprendizagem e de linguagem, onde a escola encaminhou a criança para o tratamento fonoaudiológico e uma vizinha sugeriu que a Sra. Maria procurasse um neurologista para compreender toda aquela agitação.

Acredito que podemos pensar no nível de inconsciência com que essa mãe está vinculada com a filha, a ponto de não conseguir perceber que tais sintomas necessitavam de um acompanhamento.

O pai de Juliana já não é tão participativo quanto sua mãe. É um homem alto, tem trinta e sete anos, pele morena e trabalha num bar. Compareceu apenas uma vez ao Serviço de Psicologia, embora tenha sido convidado a participar das entrevistas juntamente com sua esposa. Ele demonstrou certo desinteresse, no sentido de deixar claro que estes “assuntos” (sic) são de responsabilidade da mãe, pois “eu cuido da venda e do dinheiro e a Maria cuida das crianças” (sic). Dessa forma, ele já disse muito do seu funcionamento e a forma como participa da vida de sua filha.

3.2 ENTENDIMENTO TEÓRICO E DINÂMICO DO CASO

Quando iniciei os atendimentos com Juliana, recebi uma criança agitada, tanto psíquica quanto fisicamente. Era uma menina que apresentava agressividade no olhar, impulsividade no agir e uma certa postura provocadora, sedutora e onipotente.

Já nas primeiras sessões essa agressividade evidenciava-se nas brincadeiras, onde tentava controlar a situação e seduzir o terapeuta. Sua capacidade de tolerar a frustração era baixíssima, logo ficava brava e agressiva, mudando de brincadeira. Paralelo a isto pôde-se constatar sua dificuldade de articulação das palavras, mais especificamente dos fonemas.

Além desses sintomas iniciais, durante os três primeiros meses de psicoterapia houve momentos, em algumas sessões, em que Juliana exacerbava sua agitação e impulsividade. Tratava-se de um momento de euforia, a partir do qual surgiram muitas imagens, as quais expressava em encenações e brincadeiras, geralmente, agressivas.

A imagem que destaco para iniciar este trabalho é uma imagem que Juliana traz logo na **primeira sessão** capaz de prever o que iríamos enfrentar juntos (ver Anexo A).

Nos momentos finais da sessão ela decide brincar de desenhar, sendo que cada um de nós deveria completar o desenho do outro. Quando foi minha vez de desenhar fiz um círculo na sua folha, Juliana o contornou com o hidrocor verde e iniciou a contar uma estória. Disse que dentro daquele círculo, que estava no centro da folha, existia a “terra dura” (sic), onde “dá para pisar” (sic) e fora do círculo, havia a “terra mole” (sic), onde provavelmente se afundaria, como se fosse areia movediça.

Nos cantos esquerdo e direito da folha havia “terra dura” (sic) também. Juliana conta a estória de uma menina que deveria sair da “terra dura” (sic) no canto direito da folha, entrar dentro do círculo protegido da “terra mole” (sic) e de lá alcançar o lado esquerdo da folha, chegando na outra extremidade da “terra dura” (sic). Essa era a tarefa que menina deveria empreitar, isso logo na primeira sessão.

Essa imagem representada num desenho é capaz de resumir muito apropriadamente o que estávamos nos dispendo a iniciar enquanto trabalho terapêutico, isto é, uma relação entre paciente e terapeuta que envolve transpor obstáculos, ressignificar antigas

experiências e, principalmente, enveredarmos por caminhos ora “duros” ora “moles”, onde consciente e inconsciente devem permutar conteúdos a fim de que consigamos alcançar o objetivo proposto.

É claro que há muitas e possíveis interpretações e colocações para esta simples imagem, porém gostaria que neste momento pudéssemos ficar com esta visão, com esta idéia que, acredito, prevê o transcorrer deste trabalho. É válido também acrescentar que as imagens apresentadas neste entendimento teórico do caso foram as que acreditei capazes de representar boa parte do processo terapêutico de Juliana e que, portanto, são um recorte do caso e passíveis de outras interpretações.

Assim como foi mencionado na revisão bibliográfica, Jung acreditava que existia um fator arquetípico de um padrão de totalidade, um potencial de personalidade que parecia operar como um centro organizador do desenvolvimento psicológico. Jung denominou este arquétipo de *Self*, ou Si-mesmo.

JUNG (2000) afirma que o *Self* ou o Si-mesmo só pode chegar à consciência indiretamente através da projeção e que, muitas vezes, a distância entre consciente e inconsciente é tão grande que o *Self* necessita de símbolos mais objetivos e abstrato, embora apresente-se como figuras humanas também.

Assim, JUNG (2000) complementa:

(...) As figuras humanas são pai e filho, mãe e filha, rei e rainha, deus e deusa. Os símbolos teriomórficos são dragão, serpente, elefante, leão, urso ou outro animal poderoso. E, por outro lado, aranha, caranguejo, borboleta, besouro, verme, etc. Os símbolos vegetais são, em geral, flores (lótus e rosa!). Estas últimas conduzem à forma geométrica como **círculo**, esfera, quadrado, quaternidade, relógio, firmamento, etc (JUNG, 2000, p. 188).

Então, dessa forma, penso que o inconsciente dessa criança produziu uma imagem que indica esse elemento organizador e impulsionador de um desenvolvimento da personalidade. A psique dessa menina foi capaz de criar uma imagem possível de representar

um futuro trabalho terapêutico, o qual foi capaz de propiciá-la entrar em contato com aspectos do seu Si-mesmo, possibilitando que a distância entre consciente e inconsciente pudesse ser reduzida, trazendo muitos ganhos para ela.

Um dos mais importantes conteúdos simbólicos que trataremos neste estudo refere-se às **imagens** do arquétipo da **Grande Mãe**, que perpassa toda a análise desta paciente. São imagens que contêm todo um simbolismo associado a este arquétipo e que denotam uma evolução, isto é, comparando-se as imagens apresentadas no início deste trabalho com as imagens mais próximas do término do mesmo, nota-se uma suavização dos traços mais negativos e agressivos das imagens, bem como uma melhora significativa no estado emocional da criança.

As imagens que se relacionam com este arquétipo descrevem a luta do ego contra a Grande Mãe, ou seja, contra as forças poderosas e dominadoras de nosso inconsciente. Tal luta representa o amadurecimento deste ego que, mitologicamente, é representado pelo mito do herói, o herói que enfrenta todo tipo de perigos e monstros.

Erich Neumann, conhecido analista junguiano pelo seu livro *História da Origem da Consciência* (1995) foi o responsável por traçar um paralelo entre os estágios de desenvolvimento da personalidade e o simbolismo contido na mitologia. NEUMANN (1995), no livro citado acima, descreve a evolução de nossa consciência – o ego nascente – enfrentando o inconsciente, perpassando por arquétipos personificados por deuses, deusas e demais figuras mitológicas. Sua tese afirma que o desenvolvimento egóico pode ser estudado a partir do estudo da mitologia e que os mitos revelam o destino de nossa consciência.

Portanto, os estudos de NEUMANN (1995) contêm um vasto universo de símbolos relacionados com os arquétipos mais importantes de nosso desenvolvimento egóico e sua obra é uma das principais referências para o desenvolvimento deste trabalho.

Juliana inicia o seu processo terapêutico envolta em muita agitação, agressividade, medo, confusão e onipotência. Já nas primeiras sessões ela traz imagens que se relacionam com estas forças misteriosas que, muitas vezes, nos assustam e perturbam, pois são carregadas de energia psíquica e, por isso, capazes de promover uma série de sintomas.

NEUMANN (1995) afirma, logo no início do capítulo que estuda o arquétipo da Grande Mãe, isto é, o ego sob o domínio do inconsciente:

A figura esmagadora do inconsciente, o seu aspecto devorador e destrutivo – pouco importa de onde vem ou em que se manifesta – é vista figurativamente como mãe malvada, como senhora sanguinária da morte e da peste, da fome ou do dilúvio, do impulso da violência ou da doçura sedutora que leva à ruína. Mas, como mãe boa, ela é plenitude do mundo generoso, a dispensadora de vida e felicidade, a terra nutridora, a cornucópia do ventre fértil. Ela é a experiência instintiva que a humanidade tem da profundidade e da beleza do mundo, da bondade e da graça da profundeza criadora que a cada dia promete e sempre cumpre a ressurreição, a reanimação e o novo nascimento (NEUMANN, 1995, p. 47-48).

Juliana traz tudo isso como essência, assim como todos nós, no entanto, no seu caso, o lado negativo do arquétipo era o que estava acentuado e ela manifestava toda essa energia representada nos sintomas. Ela sente-se pequena, indefesa frente este oceano de sentimentos.

É conveniente lembrar que a forma como os pais vivem o seu inconsciente influencia sobremaneira a vida dos filhos e, no caso de Juliana, sua mãe apresenta este arquétipo da Grande Mãe muito acentuado. Ela, inconscientemente, dificulta que a filha se desenvolva, cresça e consiga se libertar do domínio das teias da Grande Mãe. Assim como no mito de *Deméter* e *Perséfone*, que personificam a problemática da filha prisioneira da mãe e, posteriormente, raptada pelo deus *Hades*, senhor do mundo subterrâneo, Juliana vê-se sem muitas possibilidades de saída, de novas formas de enfrentar este desconhecido mundo inconsciente.

Já nas primeiras sessões ela traz muito este medo do desconhecido e que

NEUMANN (1995) afirma ser normal no desenvolvimento infantil:

A criança também experimenta essa mesma indefinibilidade do mundo; ela ainda não é capaz de se orientar com consciência e de reconhecer o mundo e enfrenta cada evento como se fosse uma devastadora inovação (...). Esse terror é expressão da situação presente na alvorada do mundo, onde uma pequena e frágil consciência do ego se vê diante do gigantesco mundo. (...) Por isso, o medo é um fenômeno normal na psicologia da criança (NEUMANN, 1995, p. 48).

Juliana traz na **sexta sessão** duas imagens que expressam o que foi exposto nos parágrafos acima. A primeira delas refere-se à imagem da **cobra**. Juliana inicia a sessão brincando com massinha de modelar até formar uma cobra. Depois de pronta, ela começa a brincar com ela, dizendo que se trata de uma cobra muito venenosa e perigosa. Aproxima-se de mim e a cobra me morde. Brinco que estou passando mal e peço ajuda, ela, então, pega uma injeção, como se fosse uma vacina, e aplica em mim. Porém, novamente a cobra volta a atacar e Juliana mais uma vez me dá outra injeção. Ela continua nesta brincadeira com a cobra até que começa a ficar brava com ela e decide bater nela, pega a injeção e fura-a várias vezes com intensidade. Termina a brincadeira e ela volta-se para outra atividade.

Segundo NEUMANN (1995, p. 53), “a cobra é a companheira do feminino” e está freqüentemente relacionada com a Grande Mãe. O autor afirma ainda que a cobra, como uma das imagens que representam a Grande Mãe, não aparece “(...) apenas na cultura cretense-micênica e nas suas ramificações gregas, mas também já no Egito, na Fenícia e na Babilônia, e de modo parecido, na história bíblica do Paraíso”.

NEUMANN (1995, p. 53) corrobora o exposto acima com a descoberta de escavações, onde foram encontradas imagens primitivas de culto da Mãe Deusa com o seu filho, ambos representados com cabeça de cobra. A cobra, de acordo com o autor, representa a “senhora da terra, das profundezas e do mundo inferior, razão pela qual a criança que ainda se acha ligada a ela é uma cobra como ela” (ver Anexo B).

Isso comprova a força de nosso inconsciente, mãe e filha ligadas por esta força misteriosa, representada sob o formato de uma brincadeira de massinha de modelar. Assim,

Juliana está nos mostrando o quanto ainda encontra-se vinculada inconscientemente à mãe, o quanto é inconsciente de si mesma e como isto é agressivo, forte e fonte de medo para ela.

Todavia, cabe ressaltar que essa cobra que a atormenta e assusta faz parte dela. A “Grande Deusa Serpente” tem como filha uma serpente, ou seja, Juliana também é esta cobra, ela possui a fonte de seu próprio **mal** e provando de seu veneno é que ela encontrará a “vacina” para seus sintomas. Por isso, Juliana, ao mesmo tempo em que projeta no terapeuta toda esta agressividade e tenta agredi-lo, ela entra em contato com a própria imagem e isso a angustia e, portanto, ela tenta destruí-la. É um processo dialógico, dialético e é esse processo que, segundo Jung, nos faz crescer e amadurecer psicologicamente.

Assim como foi exposto no início deste texto, Juliana em determinados momentos de seu tratamento, especialmente nos três primeiros meses, passava por momentos de intensa euforia nas sessões, carregados de agitação física e mental. E, após a brincadeira com a cobra de massinha de modelar, ela fica muito agitada e inicia um tipo de encenação.

Toda a estória gira em torno de um **monstro**, o *bicho-papão*, como ela o designa, que quer pegá-la. Ela começa a ficar muito agitada, assustada e inicia uma cena de perseguição, onde o monstro quer prendê-la numa prisão. Assisto a sua dramatização, porém ela não permite que eu tente tirá-la de sua prisão, ela não pode sair.

Sabe-se que a figura do bicho-papão é freqüente entre os principais medos das crianças, muitas vezes até inspirado pelo que os pais dizem. A fim de tentarem colocar limites, acabam por inventar a figura do bicho-papão, do homem do saco, da velha bruxa, etc. Entretanto, no caso de Juliana esta figura, no decorrer de sua análise, acaba por transformar-se em outras que acredito estarem interligadas.

Então, Juliana começa a gritar, tento “salvá-la”, “tiro-a da prisão” e levo-a para outro lugar, para trás da casinha de brinquedo, pois lá iríamos estar “protegidos”, no entanto,

o *bicho-papão* volta a “atacar” e novamente leva-a para a prisão, desta vez, entretanto, ela diz que eu não posso ajudá-la.

Notem que este “levar para a prisão” e eu “não poder resgatá-la” é muito semelhante ao que nos conta o mito de *Deméter e Perséfone*.

De acordo com BRANDÃO (2001, p. 285), *Deméter* “é, pois, a Terra-Mãe, a matriz universal e mais especificamente a mãe do grão, e sua filha *Core* o grão mesmo de trigo, alimento e semente que escondida por certo tempo no seio da Terra, dela novamente brota em novos rebentos (...)”.



Figura 1: Deméter com seus atributos: espigas de milho, papoulas e serpentes. Terracota.

Museu das Termas, Roma. (Fonte: BRANDÃO, Junito de Souza. 2000. **Mitologia Grega**.

Volume 2. Petrópolis: Vozes)

BRANDÃO (2001) afirma que *Deméter* está profundamente ligada à sua filha *Core*, que posteriormente vem a chamar-se *Perséfone*, e que formam uma dupla conhecida como *As Deusas*.

BRANDÃO (2001) conta-nos o mito:

(...) *Core* crescia tranqüila e feliz entre as ninfas e em companhia de *Ártemis* e *Atená*, quando um dia seu tio *Hades*, que a desejava, a raptou com o auxílio de *Zeus*. (...) *Core* colhia flores e *Zeus*, para atraí-la, colocou um narciso ou um lírio às bordas de um abismo. Ao aproximar-se da flor, a Terra se abriu, *Hades*

ou Plutão apareceu e a conduziu para o mundo ctônico (BRANDÃO, 2001, p. 290).

Deméter, desde então, inicia a longa e dolorosa jornada de busca a sua filha. Durante nove dias e nove noites a grande Deusa da Vegetação passou sem comer, sem beber e sem se banhar a procura da filha. Segundo BRANDÃO (2001, p. 290), “irritada contra Hades e Zeus, decidiu não mais retornar ao Olimpo, mas permanecer na terra, abdicando de suas funções divinas, até que lhe devolvessem a filha”.

Provocada por ela, uma seca terrível se abateu sobre a terra. Em vão Zeus lhe mandou mensageiros, pedindo que regressasse ao Olimpo. A deusa respondeu com firmeza que não voltaria ao convívio dos Imortais e nem tampouco permitiria que a vegetação crescesse, enquanto não lhe entregassem a filha. Como a ordem do mundo estivesse em perigo, Zeus pediu a Plutão que devolvesse Perséfone. O rei dos Infernos curvou-se à vontade soberana do irmão, mas habilmente fez que a esposa colocasse na boca uma semente de romã (...) e obrigou-a a engoli-la, o que a impedia de deixar a *outra vida*. Finalmente chegou-se a um consenso: Perséfone passaria quatro meses com o esposo e oito com a mãe (BRANDÃO, 2001, p. 292).

Esse mito é capaz de expressar muito do que estamos estudando, no sentido de personificar uma conflitiva vivida por muitas filhas com relação às suas mães. Isso não se restringe apenas ao mundo feminino, mas à importância da separação que a consciência deve empreitar com relação ao inconsciente (ver Anexo C).

É interessante notar que *Deméter* representa, no mito, a Grande Mãe, aquela que acolhe, nutre, protege, mas também mantém a filha vinculada à mãe, ao mundo indiferenciado do inconsciente, como uma eterna criança.



Figura 2: Hades

A imagem da figura 2 representa *Hades*, um deus poderoso, forte, irmão de *Zeus* e responsável pelo mundo subterrâneo e pelo destino das almas. Ele representa, no mito, o elemento **masculino diferenciador**, capaz de raptar *Perséfone* do sono eterno da infância, no regaço imutável de sua mãe, levando-a para um mundo desconhecido, para as profundezas da terra e isto, em termos simbólicos, é bastante similar ao mundo do inconsciente, da escuridão e do misterioso, mas também onde há **possibilidades** e **potencialidades adormecidas**.

Relacionando com o caso em questão, Juliana é “raptada” e feita “prisioneira de um monstro”. Ela tenta escapar, mas ele é mais forte e a prende novamente. Esse monstro é causador de medo e angústia para Juliana, que expressa nas brincadeiras muita agitação e ansiedade.

Entretanto, esse *bicho-papão* também é o responsável por tirar Juliana da estagnação inconsciente em que vive, assim como *Hades* interfere na vida de *Perséfone*. Este é o papel da imagem do monstro na brincadeira, a função desse elemento masculino que vem trazer desorganização, que vem romper a vinculação inconsciente entre mãe e filha, ou entre Grande Mãe e sua eterna criança.

Ainda seguindo a estória da brincadeira, o monstro “ataca” Juliana novamente, levando-a para o **céu**. De “lá” ele a “atira”, Juliana sobe em cima da mesa e atira-se no chão, permanecendo como se estivesse “morta”. Eu me aproximo e tento ajudá-la, pego os utensílios médicos e ausculto seu coração. Ela diz que eu não estou escutando, aplico uma injeção e ela melhora.

Observem que esta criança traz a imagem do céu, “o monstro a leva para o céu”, o qual, geralmente, está associado com o masculino: o sol, a claridade, a luz, a consciência, diferente da lua, da noite, da escuridão, da névoa, que representam o feminino.

NEUMANN (1995), ao abordar o mito do herói, teoriza a questão do masculino associado à imagem do céu:

Os homens são associados aos pais, os velhos, que são o “baluarte da lei e da ordem” e, com eles, a um sistema de mundo que se pode chamar, simbolicamente, de “céu”, por estar em oposição à terra feminina, e que se estende do tabu da ordem mágica do mundo à lei e à realidade do estado. (...) Todos eles são representantes do espírito masculino e do mundo dos homens, e são transmitidos, com ou sem violência, ao jovem noviço que sai do mundo feminino da mãe. Por isso, nos ritos de iniciação, os jovens são engolidos por um espírito pertencente ao mundo masculino e renascem como filhos do espírito, e não da mãe, filhos do céu e não apenas filhos da terra (NEUMANN, 1995, p. 113).

Portanto, esse elemento masculino, *Hades* seqüestrando *Perséfone*, o *bicho-papão* ou o monstro prendendo Juliana numa prisão e levando-a para o céu, representa este poder que o próprio inconsciente possui de alterar o rumo de nossas vidas, de provocar mudanças necessárias para o nosso amadurecimento.

A própria imagem do monstro expressa em germe a **potencialidade** de cura, de melhora, assim como a cobra anteriormente possuía o antídoto para o veneno. O masculino é capaz de desestruturar o mundo feminino estagnado e que mantinha Juliana em profunda vinculação com ele.

Continuando com a encenação, Juliana levanta-se e corre pela sala, pega o revólver (outro elemento masculino) e começa a atirar para cima, em direção do monstro na tentativa de matá-lo, porém ele é mais forte e novamente a pega. Juliana grita, corre, sobe em cima da mesa e atira-se no chão “morta” e, após toda esta dramatização, encerra a brincadeira.

Mais uma vez *o mal contém em germe a cura*, aquilo que tanto assustava Juliana era também responsável pela sua melhora, pela evolução de seu caso. Essa luta do *ego-herói* contra o *dragão do inconsciente* representa a batalha que todos nós enveredamos, de uma forma ou de outra, nos embates com a vida.



Figura 3: “Juliana”

No caso de Juliana é como se esse elemento masculino representasse o herói, como mostra a imagem acima, tentando salvar a ingênua e indefesa donzela, dos perigos e monstros que habitam as profundezas de um abismo. Trata-se de uma imagem arquetípica, capaz de representar um conflito universal, portanto, coletivo.

Outra imagem interessante destaca-se na **décima primeira sessão**. Juliana e eu estávamos brincando com os personagens da família terapêutica, ela me entrega o pai e a filha e fica com a mãe e o filho. Diz que todos estavam no **mar**, pega o pai e a mãe, chamando o pai de marido e leva-os até mim e pergunta se eles podem ir mergulhar no mar, respondo que sim. Então ela pega o casal e brinca que eles estão tapando a respiração e mergulhando até subirem à superfície para respirar. Depois é a vez dos filhos, novamente ela os leva até mim e, então, eles vão mergulhar no mar.

Nesta seqüência de imagens cabem algumas colocações. Em primeiro lugar a relação transferencial expressa quando Juliana me entrega o papai e a filha, representando muito de nossa relação enquanto terapeuta e paciente. Depois vem a imagem significativa do mar onde toda a família vai mergulhar e, finalmente, a questão de ela levar todos os membros

da família para que eu “autorize” a entrada no oceano.

A questão da transferência fica bastante evidente e indica um pré-requisito para a imagem posterior do mar, pois se não houver um vínculo, que mantenha o par analítico em sintonia, o desenvolvimento da psicoterapia estará comprometido.

Com relação à transferência, STEINBERG (1992, p. 11-12) afirma que Jung entendia a transferência como um impulso para a individuação, para a totalidade da personalidade. De acordo com o referido autor, Jung chamava *função transcendente* a “tentativa inconsciente de o paciente atingir uma nova atitude através da união do consciente e do inconsciente”.

Citando STEINBERG (1992):

A transferência media a função transcendente quando o conteúdo do inconsciente, que compensa uma atitude consciente unilateral, é projetado sobre o analista. Assim, concluía Jung, as fantasias da transferência não devem ser entendidas apenas “num sentido reutivo concreto, mas, principalmente, num sentido construtivo” (STEINBERG. 1992, p. 12).

Voltando ao caso, a imagem do mar é que gostaria de aprofundar. Vimos até agora trabalhando a questão da ligação da criança com o inconsciente parental e a luta deste ego infantil ainda submerso pela influência de seu mundo interno.

NEUMANN (1995, p.37) afirma que esse **mar** é o *mar primordial*, o símbolo do princípio: “(...) é a fonte primal não apenas da criação, mas também da **sabedoria**. É por isso que os portadores da sabedoria surgem com frequência do mar, na forma de seres meio-peixe (...)”.

O mar, geralmente, representa o nosso inconsciente, a origem da vida. Os mitos apresentam vasto material simbólico onde o mar é reverenciado como divindade, como o grande berço da humanidade e os homens o respeitam e temem por sua força, energia e vitalidade. Mesmo *Posídon*, o deus grego dos mares e oceanos simboliza este poder primevo.

Ele mandava seus monstros perseguirem os heróis que lutavam contra o domínio das grandes deusas a fim de atender os desejos das mesmas.

Portanto, Juliana traz uma imagem ampla em significados, capaz de evidenciar o caráter arquetípico da situação inconsciente em que ela e sua família estão vivendo. Toda sua família vai mergulhar no mar, indiferentes, misturados num grande “oceano” inconsciente. Cabe ao psicoterapeuta a tarefa de intermediar este processo, cabe a ele a empreitada de auxiliar a criança a “mergulhar neste mar”. Por isso, Juliana solicita a minha “permissão” para entrar no mar e levar junto consigo sua família. É tarefa da psicoterapia auxiliar este processo dialético, de “entrada e saída” do inconsciente, a fim de aproximar o ego das possibilidades latentes que estão no inconsciente.

Mais uma vez cabe destacar o que JUNG (2002) denomina **função transcendente**:

Lidar com o inconsciente é um processo (ou, conforme o caso, um sofrimento ou um trabalho) cujo nome é *função transcendente*, porque representa uma função que, fundada em dados reais e imaginários ou racionais e irracionais, lança uma ponte sobre a brecha existente entre o consciente e o inconsciente. É um processo natural, uma manifestação de energia produzida pela tensão entre os contrários, formado por uma sucessão de processos de fantasia que surgem espontaneamente em sonhos e visões (JUNG, 2002, p. 72).

Esta imagem do mergulho no mar ainda se repete na sessão seguinte com o incremento de mais uma imagem associada à Grande Mãe.

Na **décima segunda sessão** Juliana brinca com uma bonequinha e diz que ela vai tomar banho, pergunto onde e ela diz que ali, no **mar**, atrás de nossa mesa. Então, Juliana pega a boneca e vai junto com ela “mergulhar no mar” abaixa-se, brinca que está “mergulhando e subindo à superfície para respirar”, convida-me para participar da brincadeira.

Observem que se repete a imagem da “entrada” e “saída” do inconsciente, *subindo e descendo para respirar*. Juliana convida o psicoterapeuta para participar da

brincadeira e, deste processo teorizado acima por Jung, surgem as imagens e os símbolos que são capazes de trazer à “superfície” sentimentos, possibilidades e potenciais desconhecidos, fundamentais para o crescimento emocional da criança.

De repente, Juliana diz que há uma **baleia** querendo pegar a boneca, aponta para um dos fantoches na sala, uma menina que tem uma boca enorme, e diz que ela quer pegar a bonequinha. Entro na encenação, pegando o fantoche como se fosse a baleia que persegue a boneca. Pego-a e digo que vou comê-la e Juliana grita “Não!” (sic) e cai no chão “desacordada”.

Neste momento, enceno que estou “lutando contra a baleia” a fim de poder “salvá-la”. Retiro-a do “mar” e levo-a até a cadeira para nos sentarmos. Juliana fica tonta, como se tivesse se “afogado”, tosse, cospe “água”. Então eu pego o estetoscópio dos brinquedos de médico e ausculto seu coração. Ela diz que ele está parado, então trago uma injeção para dar-lhe uma vacina para revivê-la. Ela fica melhor, mas logo começa a se sentir pior e volta a cair no “mar”. Permaneço fazendo este “salvamento” por umas três vezes até que ela melhora. Logo da primeira vez que a retiro do “mar”, Juliana pergunta o que tinha acontecido com ela, então procuro lhe explicar, mas ela fica com uma expressão no rosto de não ter entendido nada.

Notem o quanto esta brincadeira foi densa em sentimentos e o quanto ativou imagens que acessaram conteúdos inconscientes importantes para o desenrolar do caso. A criança realmente entrou em contato com conteúdos muito fortes e isso a paralisou por alguns minutos, deixando-a num tipo de estado de transe, como se estivesse em êxtase.

Esta encenação traz a imagem de um animal grande e assustador, um enorme mamífero devorador de outros peixes. JUNG (2000, p. 92) ao estudar o **arquétipo materno** afirma que há vários símbolos capazes de representar o *aspecto negativo* do mesmo, tais como: “bruxa, dragão (ou qualquer **animal devorador** e que **se enrosca como um peixe**

grande ou uma **serpente**); o túmulo, o sarcófago, a profundidade da água, a morte, o pesadelo e o pavor infantil (...)"



Figura 4: Jonas escapa do Peixe

A imagem acima, por exemplo, ilustra a temática do animal devorador e que, neste caso, engole Jonas, no conto bíblico, e este consegue, enfim, libertar-se das entranhas do peixe.

Correlacionando com o caso é possível pensarmos nesta baleia como um animal devorador e que engolfa Juliana, mantendo-a sob seu domínio. A imagem desta baleia pode ser associada às imagens que se referem ao arquétipo da Grande Mãe, especialmente pela forma como este animal se apresenta para a criança.

JUNG (2000) trouxe valiosas contribuições para compreendermos o simbolismo que perpassa as brincadeiras infantis, ampliando nosso entendimento do dinamismo da psique. Isso é corroborado pelo que o autor traz em seu livro sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos:

(...) não é apenas da mãe pessoal que provêm todas as influências sobre a psique infantil descritas na literatura, mas é muito mais o arquétipo projetado na mãe que outorga à mesma um caráter mitológico e com isso lhe confere autoridade (...) (JUNG, 2000, p. 93).

E complementa abordando a questão da fantasia:

Os conteúdos da fantasia anormais só podem referir-se parcialmente à mãe pessoal uma vez que freqüentemente eles aludem de modo claro e inequívoco a coisas que ultrapassam o que se poderia atribuir a uma mãe real. Isto principalmente quando se trata de imagens declaradamente mitológicas, tal como ocorre muitas vezes com fobias infantis, em que a mãe aparece sob a forma de um animal, de uma bruxa, fantasma, canibal, hermafrodita e coisas deste tipo (JUNG, 2000, p. 94).

Então, Juliana traz a imagem de algo forte e que está identificado com o lado negativo do arquétipo e relaciona-se com as principais características apresentadas por esta criança no início do tratamento: comportamento sedutor, agressivo e agitado. É tarefa da psicoterapia propiciar que estes atributos negativos sejam integrados com os positivos e característicos do feminino.

Para tanto, comecei a observar que Juliana utilizava-se de duas brincadeiras, em especial, que possuíam um acentuado caráter terapêutico. Uma delas era a **cabra-cega** e a outra a de **imitação**.

Cabra-cega é uma brincadeira que enfatiza brincarmos com os olhos vendados, como se estivéssemos cegos e, desta maneira, tentar pegar o outro. Isso implica que o psicoterapeuta e a criança possam estar em sintonia, isto é, mais vinculados inconscientemente. Estar cego momentaneamente exige que utilizemos nossos outros sentidos, especialmente aqueles que estão relacionados com a sensação e a intuição. Assim, a importância desta brincadeira consistiu-se no fato de estreitar o vínculo terapêutico, o que possibilitou o início de uma nova fase no tratamento de Juliana.

Estudando a mitologia grega é possível encontrar algo muito interessante e que se relaciona com a questão da perda da visão, da cegueira, na figura do famoso profeta e adivinho *Tirésias*.

De acordo com BRANDÃO (2000, p. 175), o jovem *Tirésias* quando estava no período de iniciação ao mundo dos adultos subiu o monte Citerão e viu duas serpentes enroscadas uma a outra como num ato de amor. *Tirésias* as separa ou, segundo outras

referências, mata a serpente fêmea. Como consequência desta intervenção o jovem é transformado em mulher.

Passados sete anos, *Tirésias* sobe o mesmo Citerão e repete a cena, porém, desta vez, mata a serpente macho e volta a ser homem. *Tirésias*, portanto, era alguém que tinha a experiência dos dois sexos e, em virtude disto, era conhecido como um homem muito sábio.

E isso tem uma razão em especial, pois na concepção da psicologia analítica de Jung o processo de individuação envolve essa capacidade de integração entre dois pólos, entre o masculino e o feminino, entre o consciente e o inconsciente, buscando a totalidade da psique.

Trazendo para o caso de Juliana, BRANDÃO (2000) afirma que a visão de *Tirésias* era a visão de **dentro para fora** e isto foi constelado nas nossas brincadeiras, onde cada um tinha a sua vez de estar “cego”. Essa brincadeira fala de comunicação entre duas pessoas, sendo uma delas desprovida da visão e essa comunicação envolve muito mais estar em sintonia, comunicar-se com a emoção e com o sentimento.

A outra brincadeira iniciou-se quando passei a atender Juliana numa outra sala, a sala dos espelhos. Então, a brincadeira envolvia **espelho** e **imitação**. Várias vezes Juliana solicitava nas sessões que eu a imitasse, fazendo tudo o que ela estivesse fazendo ou vice-versa. Em outros momentos ela pedia que eu copiasse seu desenho e, no final da sessão, tínhamos dois desenhos praticamente iguais. Comecei a perceber que estas brincadeiras envolviam toda uma dinâmica de **identificação** entre paciente e terapeuta, onde Juliana conseguia *ver-se* de outra forma. Eu era um espelho para ela e ela me solicitava que eu pudesse estar espelhando novas possibilidades, novas formas de relacionamento, uma nova Juliana.

BRANDÃO (2000) traz algumas relações interessantes entre o simbolismo do espelho e a teoria platônica das idéias que acredito poder contribuir para nosso estudo:

Mas que é o espelho? O professor Manuel Antônio de Castro nos dá, em excelente artigo sobre o conceito de literatura infantil, um enfoque realmente “neoplatônico” de espelho: “Pegamos um espelho, olhando-o, captamos dele a nossa imagem. Atentemos à imagem: podemos achar que corresponde, mas a imagem não é o que somos: ela é, sendo que outra que não nós. (...) O que é espelho? É o lugar *a partir do qual*, especulando, colhemos o que *somos e não somos* (BRANDÃO, 2000, p. 186).

É o que somos e o que podemos vir a ser, o que está em potencialidade e ainda não conseguimos ser. Então, a sala dos espelhos transformou-se num grande laboratório de imagens e possibilidades.

Além disso, há na sala um telefone que dá comunicação com a outra sala e duas câmeras de vídeo que filmam o que está acontecendo lá dentro, quando a sala está sendo usada para atendimentos que venham a ser estudados pelos estudantes de Psicologia.

Assim, Juliana tinha em mãos valiosos instrumentos que utilizou como ferramentas terapêuticas. Os próximos trechos de sessões destacam a importância do telefone, das câmeras e, mais uma vez, do espelho.

Na **vigésima terceira sessão** brincamos na sala dos espelhos e logo que Juliana entrou na mesma foi brincar com o telefone. Ela inicia a brincadeira dizendo que vai telefonar para sua mãe e que esta estava doente, havia se machucado no trabalho. Ela pede que eu converse com sua mãe e dirige-se até o outro lado da sala, permanecendo imitando a voz da mesma.

Entretanto, a conversa é muito breve e logo ela imita o som de quando desligamos o telefone e, imediatamente, pede que eu ligue para seu pai, para que este possa ajudar sua mãe. Quando inicio a “conversar com o Sr. José”, Juliana fala com uma voz agressiva, áspera e logo diz não ter tempo, que não poderia deixar seu trabalho para ajudar sua esposa. Então, ela encerra a conversa, como se seu pai tivesse desligado o telefone

abruptamente.

Após a “conversa com o Sr. José” ao telefone, Juliana pede que eu fale, agora, com seu tio. Este tio apresenta características que contribuem para o entendimento do caso e enriquecem o estudo das imagens que estamos nos propondo compreender.

Inicialmente, Juliana é quem conversa com este tio e dá a entender que está respondendo algumas perguntas que ele provavelmente estaria lhe fazendo, pois ela apenas dizia: “Não, ele não é meu pai” (sic); “Tô aqui na psicologia” (sic). Após esta breve conversa, Juliana entrega-me o telefone e pede que eu fale com seu tio. Quando pego o telefone, Juliana começa a gritar e seu tom de voz torna-se agressivo, ríspido, como se esse tio estivesse muito bravo por algum motivo. É impossível iniciar uma conversa e logo ela imita o som de o telefone ter sido desligado. Juliana pergunta-me, então, o que ele queria falar comigo, porém respondo que não havia conseguido conversar com seu tio e que ele me parecia muito bravo por alguma razão.

Após esta “conversa com o tio” vem a vez de sua avó. Mais uma vez repete-se a mesma situação. Juliana telefona e entrega-me o aparelho para que eu converse com a pessoa. Quando tento iniciar a “conversa” esta avó é ainda mais agressiva e brava que o tio. Juliana gritava muito e, logo em seguida, desliga o telefone.

E, finalmente, para encerrarmos esta sessão, Juliana começa a ficar muito ansiosa com relação à presença das câmeras de vídeo dentro da sala, afirmando que seu tio estava nos “olhando” (sic). Ela permanece agitada e decide, então, telefonar para seu tio, mandando que ele parasse de nos “espionar” (sic).

Nesta seqüência de telefonemas, destacam-se imagens que contribuem para o que vimos estudando. De acordo com a teoria junguiana, o arquétipo da **Grande Mãe**, assim como todo arquétipo é composto de um aspecto *positivo* e de outro *negativo*. Cada um destes

aspectos apresenta características **femininas** e **masculinas**, também positivas e negativas. Então, desta forma, costuma-se dividir o lado feminino do arquétipo da Grande Mãe em “Mãe Bondosa” e “Mãe Terrível”, assim como o lado masculino apresenta o “Pai Bondoso” e o “Pai Terrível”.

Corroborando teoricamente o que foi exposto acima, NEUMANN (1995) afirma:

Os perigos do inconsciente, o seu caráter despedaçador, destruidor, devorador e castrador, apresentam-se ao herói como monstros, prodígios, bestas, gigantes, etc., que ele deve vencer. Uma análise dessas figuras mostra serem elas *bissexuais* (...), dotadas de qualidades simbólicas masculinas e femininas (NEUMANN, 1995, p. 135).

Ainda de acordo com NEUMANN (1995):

Para o herói, que representa a nova consciência, o dragão hostil é a antiga ordem, o estado psíquico já superado que quer engoli-lo novamente. A forma mais ampla e remota disso é a Mãe Terrível; segue-se o representante masculino autoritário do matriarcado, o tio materno (...) (NEUMANN, 1995, p. 143).

Assim, relacionando com o caso de Juliana e às imagens acima narradas, podemos pensar na presença desses aspectos masculinos e femininos expressos através das conversas ao telefone. Notem que Juliana traz a imagem de uma mãe doente, depois de um pai sem “tempo” para a esposa e, finalmente, duas figuras opostas que poderiam caracterizar o aspecto negativo do arquétipo da Grande Mãe em seus dois pólos masculino e feminino: o tio e a avó.

O que chama atenção é o caráter negativo destas imagens, tanto dos pais pessoais quanto do outro casal de “pais”. Juliana mostra-nos o quanto o lado feminino positivo de sua mãe está “adoecido” e sobrecarregado pela influência negativa da **Grande Mãe**, assim como o masculino de seu pai também se encontra agressivo, áspero e pouco identificado com o lado positivo do mesmo.

O tio bravo, ou seja, o lado masculino negativo do arquétipo ou o “Pai

Terrível” (ver Anexo D), foi representado de várias formas na mitologia e NEUMANN (1995) destaca algumas:

(...) Neles sempre sobressai, antes de tudo, o aspecto devorador, ou seja, a caverna uterina. Mesmo quando, mais tarde, aparecem no patriarcado como genuínas figuras do Pai Terrível, como, por exemplo, Cronos e Moloque, o seu caráter urobórico é transparente, uma vez que o simbolismo da ingestão se acha no primeiro plano, o que as torna próximas da Grande Mãe. (...) Para Hipólito, a Grande Mãe é Afrodite; para Perseu, a Medusa; e, em ambos os mitos, Posídon, embora apareça como deus independente, permanece sendo o instrumento da vontade destrutiva da Grande Mãe (NEUMANN, 1995, p. 140).

Sendo assim, as imagens daquela brincadeira na sala dos espelhos representam uma situação psíquica tensa e precária de identificações positivas, capazes de auxiliar esta criança a encontrar dentro de si mesma aquilo que caracteriza o masculino e o feminino positivos. E, para tanto, Juliana requisita o terapeuta como fonte de identificações, como um espelho onde ela possa se ver refletida a partir de nossa comunicação inconsciente. Por esta razão, as brincadeiras de imitação, de cabra-cega e as quais utilizaram o espelho da sala foram essenciais para o progresso terapêutico desta paciente.

A próxima seqüência de imagens ainda refere-se ao que estamos estudando. Na **vigésima sexta sessão** Juliana e eu brincamos na sala dos espelhos, ela inicia a sessão “telefonando para seu tio”. Juliana fica angustiada e mostra-me que ali dentro do telefone havia uma câmera e que o “tio estava nos espiando” (sic), logo depois ela diz que o tio está ali na sala e que “ele é o bicho-papão” (sic).

Juliana fica muito angustiada com a presença deste tio metamorfoseado em monstro e começa a correr pela sala, grita, pega o revólver e inicia um “tiroteio” em direção ao tio até esconder-se embaixo de uma cadeira.

Observem a evolução das imagens: aquele tio que apresentava um caráter humano na vigésima terceira sessão agora se transforma num bicho, num monstro capaz de observá-la e, como “num passe de mágica”, invadir o *setting* terapêutico. Esta mesma figura

do bicho-papão já havia aparecido na sexta sessão, tentando raptar Juliana e levá-la para uma prisão.

É interessante perceber o quanto este elemento masculino assume novas configurações e ressurgiu associado ao mito de *Deméter e Perséfone*, sendo representado por *Hades*, expressando a importância de uma força masculina capaz de perturbar o equilíbrio tão bem estabelecido entre mãe e filha.

Convém pontuar que vimos estudando algumas imagens vinculadas ao arquétipo da Grande Mãe: a imagem da cobra, do mar, da baleia e, ainda, da avó brava e agressiva ao telefone. Paralelo a estas imagens destacam-se outras associadas ao masculino, representadas pelos monstros e pelo tio que assustam Juliana, mas que promovem mudanças no estado psicológico desta criança.

Na **trigésima primeira sessão** Juliana muda a brincadeira. Ela pede que eu “telefone para minha filha” e, quando termino de ligar, Juliana atende ao telefone. Pergunto se poderíamos nos encontrar e ela diz que sim e, rapidamente, Juliana muda a brincadeira e faz com que nos olhássemos no espelho e “brincássemos” com nossas imagens, dizendo que elas eram nossos irmãos, eu tinha um irmão e ela uma irmã.

Desligo o telefone e Juliana pergunta como tinha sido a conversa. Respondo que minha filha gostaria de me encontrar e Juliana arranja nosso encontro. Após tudo estar pronto dirijo-me até a “casa de minha filha”, Juliana recebe-me e, imediatamente, ela faz com que nos olhássemos no espelho novamente.

Cabe considerarmos a importância do **espelho** nestas brincadeiras, o papel da identificação e da transferência na evolução terapêutica desta paciente. Interessante observar que quando Juliana pede que eu telefone para minha filha ela me transforma num “pai” e esse deveria ir ao encontro de sua “filha perdida”. Semelhante a *Hades* que vem em busca de

Perséfone, o psicoterapeuta é solicitado que venha ao encontro da paciente como fonte de identificações positivas.

Quando nos encontramos, permanecemos olhando para o espelho e interagindo com nossas imagens. Neste caso, entra em cena a função especular do terapeuta, enquanto capaz de espelhar um masculino positivo e despertar a possibilidade da própria criança conectar-se com esse elemento dentro de si e encontrar-se a si mesma.

Essas imagens deste elemento masculino representam um *ir e vir*, isto é, ora apresentam-se como monstro ora como tio e isso indica um processo dialógico entre as imagens e os conteúdos inconscientes e o ego. Já foi mencionado anteriormente que este processo, na abordagem junguiana, é considerado responsável pela melhora emocional do paciente.

Acredito que o que vimos estudando até o presente momento indica uma progressiva melhora no estado emocional e psicológico de Juliana. Gostaria de destacar, então, alguns trechos das últimas sessões de Juliana capazes de expressar os ganhos que ela veio adquirindo ao longo do processo psicoterapêutico.

Dessa forma, na **quadragésima sessão**, Juliana inicia a sessão brincando com uma máscara, daquelas de papelão, dizendo que *ela era o bicho-papão*. Juliana sai, então, correndo atrás de mim a fim de me pegar. Saio correndo, também, brincando que estou fugindo do monstro. Depois é a minha vez de *ser* o bicho-papão e também perseguí-la pela sala. Quando terminamos de brincar pontuo o quanto ela já se sente forte e capaz de brincar que “é” esse bicho-papão, que tanto a assustou no passado. Pontuei que agora estamos brincando tranqüilamente e que ela está sendo capaz de enfrentar seus medos de forma madura e sem permanecer tão angustiada. Juliana confirma, dizendo que agora ela está bem melhor e que não tem mais medo daqueles monstros.

Penso que este trecho é capaz de sinalizar a mudança que esta menina obteve ao longo do tratamento, pois ela foi capaz de brincar com essa imagem do bicho-papão que anteriormente era um dos causadores de medo e angústia para ela. Juliana foi capaz de conectar-se com essa fonte de medo e buscar nele as possibilidades de crescimento e amadurecimento. Cabe lembrar o que foi mencionado algumas páginas acima que *o mal contém em germe a cura*, ou seja, nesse momento Juliana brinca ser a “fonte de seu mal” e isso indica uma evolução significativa desta paciente.

Outros ganhos que Juliana veio demonstrando nas sessões envolvem uma maior capacidade de tolerar a frustração, expressa nas brincadeiras e nos jogos, onde é capaz, agora, de aceitar a perda e a derrota. Anteriormente ela ficava muito brava e agitada, logo desistindo de continuar o jogo, mudando de brincadeira.

Sua agitação e agressividade atenuaram-se a ponto de Juliana brincar com jogos, é capaz de conversar mais comigo, não apresenta mais aquela ansiedade e quantidade de imagens que surgiam nas sessões.

Com relação à aprendizagem, Juliana vem aprendendo satisfatoriamente, consegue ler e escrever muito melhor. Seu relacionamento com os outros colegas assemelha-se a uma criança normal, que consegue brincar e vincular-se com os demais, sendo que essa era uma das queixas da mãe, que Juliana era tão agressiva que apenas machucava as crianças.

Com relação à linguagem, Juliana recebeu alta de seu tratamento fonoaudiológico e sua fala melhorou significativamente, sendo possível compreender perfeitamente o que ela fala nas sessões, além de ela mesma conseguir corrigir as trocas de fonemas, isto é, quando ela troca o /d/ pelo /t/.

Além disso, recebeu alta também do neurologista que vinha acompanhando o caso, o qual cancelou o uso da medicação que vinha sendo administrada a fim de controlar a

agitação e possibilitar maior concentração no ambiente escolar.

Cabe, também, destacar algumas colocações que a Sra. Maria, mãe de Juliana, fez nas últimas entrevistas que foram realizadas.

“Eu tô muito feliz mesmo, ela tá mudada, agora eu posso sair despreocupada” (sic). “Agora ela sabe brincar com as crianças, ela brincar de correr, de pega-pega, de boneca, se é guriazinha. Se é gurizinho, ela já quer conversar, já dá um carrinho do irmãozinho dela, ela não judia mais, eu não me preocupo mais, eu vi muita mudança nela, ela tinha uma tendência só de judiar das crianças” (sic).

Gostaria de destacar a **quadragésima sétima sessão**, que, acredito, contribui para a finalização deste estudo. Iniciamos a sessão brincando com os jogos. Permanecemos praticamente toda a sessão jogando lego, sobe-desce, damas, trilha até que, mais para o término da sessão, Juliana inicia a conversar sobre a estória da Branca de Neve. Esse conto já havia sido motivo de interesse por parte de Juliana, sendo que o lemos em algumas sessões.

Juliana diz que a Branca de Neve havia sido salva pelo Príncipe depois de ter comido uma maçã envenenada que uma bruxa muito má houvera lhe dado. Disse que o Príncipe e os sete anões conseguiram, então, salvar Branca de Neve desta bruxa e que o Príncipe lhe deu um beijo e eles viveram felizes para sempre.

Permanecemos conversando sobre a estória até que pontuei que essa estória me parecia semelhante à estória de Juliana. Ela ficou surpresa com o que eu disse e então eu procurei explicar. Disse-lhe que o que acontecera com Branca de Neve se parecia com o que ela passou ali nas sessões comigo e que, assim como o Príncipe a salvou, o *bicho-papão* e aqueles monstros também conseguiram salvá-la da bruxa malvada. Juliana ficou ainda mais surpresa, mas pensativa.

Continuei pontuando que quando ela conseguiu “ver” os monstros refletidos no

espelho, conseguiu enfrentá-los, eles deixaram de assustá-la e ela inclusive conseguiu brincar que “era” um *bicho-papão*, noutra sessão. Então, esses monstros foram o Príncipe que Branca de Neve precisava encontrar (e conectar-se interiormente) para resgatá-la do sono que a maçã envenenada lhe causara. Juliana permanecia quieta escutando a conversa e, ao término da mesma, concordou com minha interpretação, dizendo que isso era verdade. Depois dessa interpretação permanecemos em silêncio por alguns instantes até que terminamos a sessão.

Acredito que essa estória não poderia ser mais pertinente para encerrar esse caso, não apenas pela semelhança com a história de vida de Juliana, mas pela capacidade dessa criança de se conectar com esse mundo fantástico que os contos de fadas criam e correlacioná-lo, ainda que inconscientemente, com sua vida. Nada mais apropriado para finalizar esse estudo do que trazer a magia que um conto pode contribuir para a fantasia de uma criança.

Juliana veio a receber alta logo depois de algumas semanas.

Acredito que esse caso poderia ser resumido da seguinte maneira: a luta entre o *ego-herói* contra o *dragão do inconsciente*, ou seja, uma luta que, a princípio, nos causa medo e angústia, porém, é a partir dela que descobrimos **potencialidades** e **possibilidades** que se encontram dormentes nos recônditos de nossa alma e que carregam as chaves de nosso crescimento individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que este trabalho possibilitou-me aprofundar meus conhecimentos teóricos da Psicologia Analítica de Jung, além de propiciar um exercício de raciocínio clínico dentro da prática da psicoterapia infantil.

Penso que os objetivos deste trabalho foram alcançados de forma satisfatória, pois pude realizar o entendimento teórico e dinâmico do caso, estudando e ampliando o significado de algumas imagens que foram destacadas para compor o trabalho.

Gostaria, também, de ressaltar, que este trabalho propunha-se trazer a contribuição da Psicologia Analítica para o trabalho terapêutico com crianças, no sentido de divulgar uma abordagem pouco estudada no meio acadêmico e que é extremamente significativa quando trabalhamos com o mundo de fantasias das crianças.

Além disso, a contribuição que esse caso trouxe para meu aprendizado foi muito significativa. O contato com essa criança possibilitou-me crescer muito enquanto psicoterapeuta e ser humano. As sessões semanais eram um convite ao encontro com minha *criança interior* e com o desafio de se trabalhar com a psique.

Nosso vínculo foi se fortalecendo a cada sessão. No início era

árduo, difícil o encontro com toda aquela agressividade e agitação, tudo era muito inconsciente tanto para Juliana quanto para mim. Aos poucos, e devido ao trabalho nas supervisões e na minha análise, fui conseguindo entrever o caminho por onde deveria trilhar. No entanto, acredito que foram nossos encontros e desencontros, sem planejamentos excessivos, que possibilitaram o desenrolar do caso. Foi o encontro entre duas psiques, entre dois seres humanos que fizeram acontecer o crescimento individual de Juliana.

Há uma frase de Jung que talvez seja pertinente de se citar nessas considerações finais. Penso que ela pode resumir ou expressar o que gostaria que ficasse desse trabalho e da visão que tenho da psicologia junguiana.

JUNG (1975, p. 19) diz o seguinte:

Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nele repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Volume II. Petrópolis: Vozes. 2000.

_____. **Mitologia Grega**. Volume I. Petrópolis. Vozes. 2001.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harbra Ltda. 1986.

HART, David L. A Escola Junguiana Clássica. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence (org.). **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre: Artes Médicas. 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1975.

_____. **O Desenvolvimento da Personalidade**. Petrópolis: Vozes. 1999.

_____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes. 2000.

_____. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes. 2002.

NEUMANN, Erich. **História da Origem da Consciência**. São Paulo: Cultrix. 1995.

_____. **A Grande Mãe. Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. São Paulo: Cultrix. 2003.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus em co-edição com Editora Vozes. 2002.

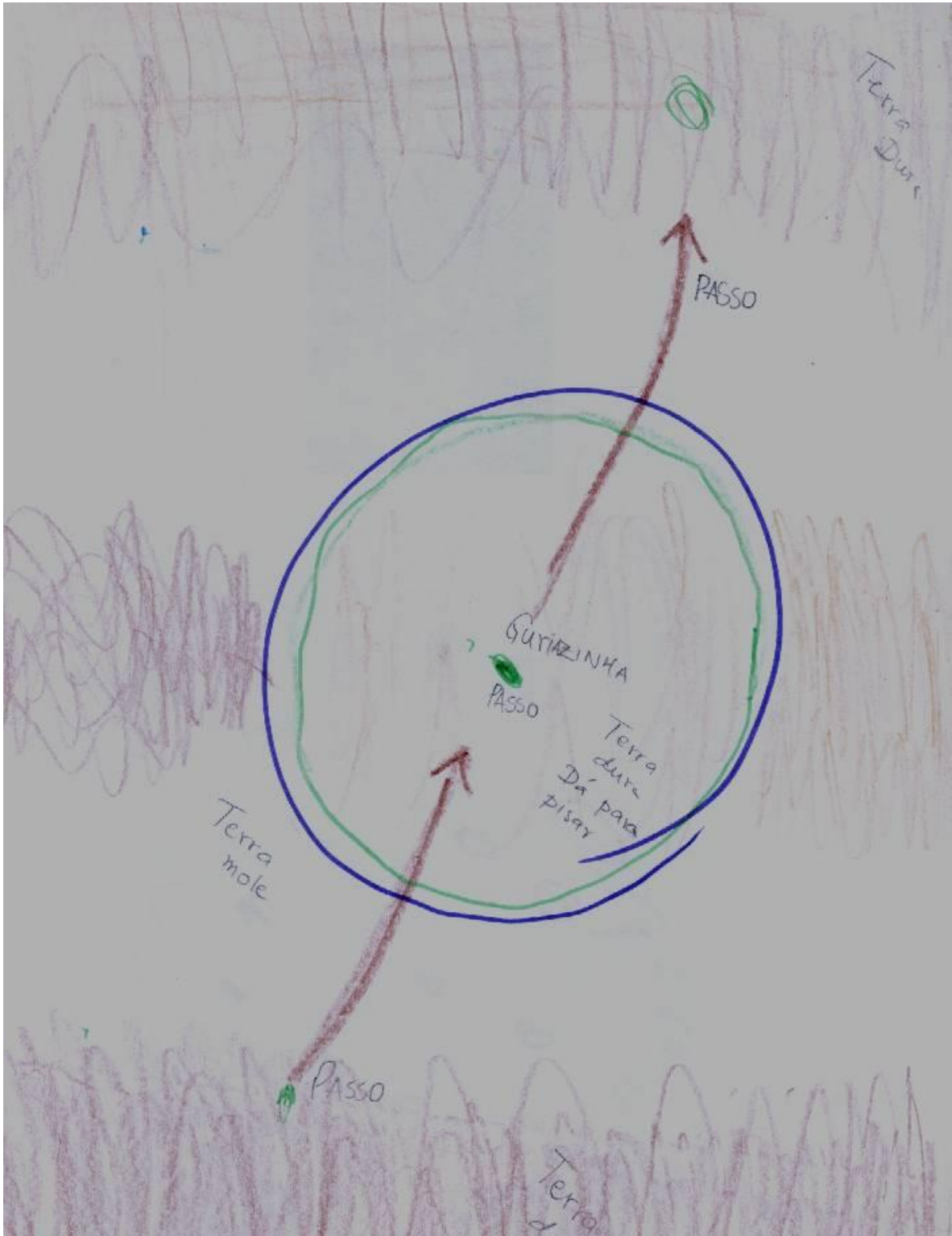
SILVEIRA, Nise da. **O Mundo das Imagens**. São Paulo: Editora Ática. 1992.

_____. **JUNG. Vida e Obra**. 18^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

STEINBERG, Warren. **Aspectos Clínicos da Terapia Junguiana**. São Paulo: Cultrix. 1992.

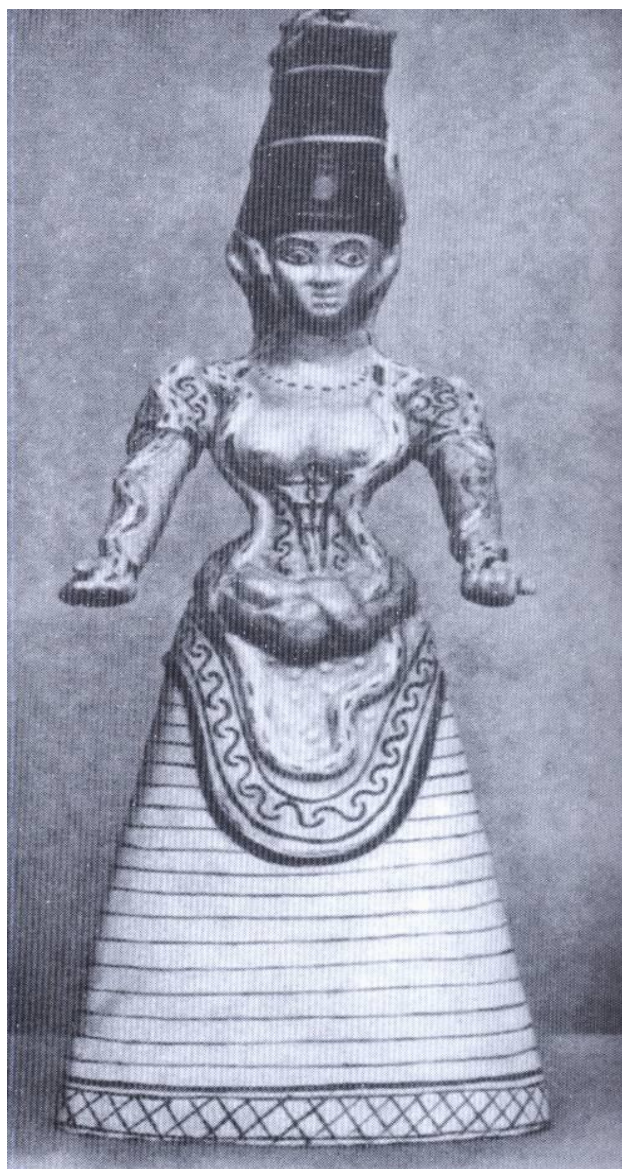
WHITMONT, Edward C. **A Busca do Símbolo. Conceitos Básicos de Psicologia Analítica**. São Paulo: Cultrix. 2000.

ANEXO A



ANEXO A: Imagem primeira sessão – imagem séléfica

ANEXO B



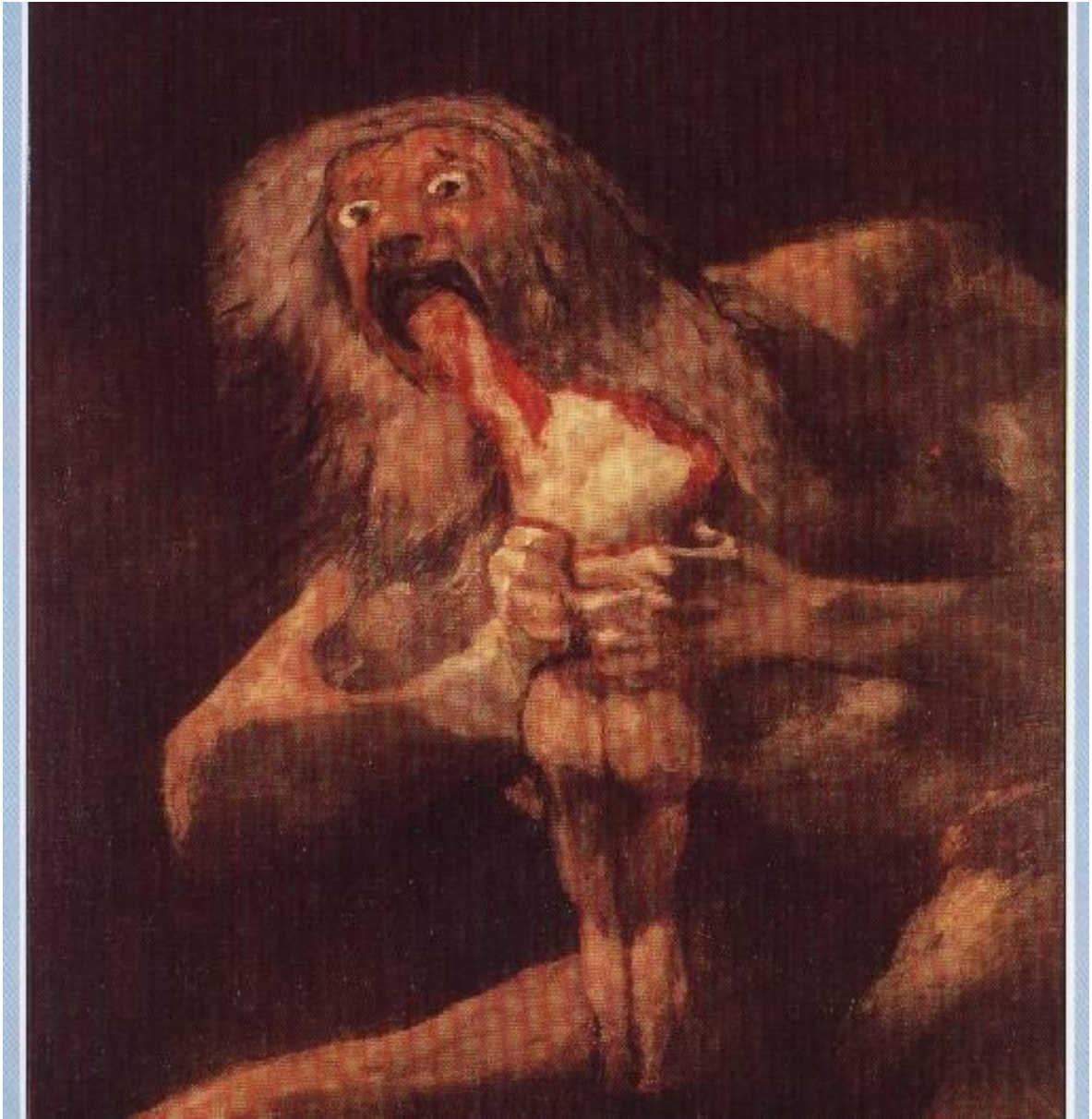
ANEXO B: **DEUSA SERPENTE**. Faiança, Creta, metade do III Período Minóico. (Fonte: NEUMANN, Erich. 2003. **A Grande Mãe**. Cultrix: São Paulo).

ANEXO C



ANEXO C :PERSÉFONE E HADES. Comendo o grão de romã, a filha de Deméter é obrigada a permanecer no Hades. (Fonte: BRANDÃO, Junito de Souza. 2000. **Mitologia Grega**. Volume 2. Petrópolis: Vozes)

ANEXO D



ANEXO D :**CRONOS DEVORANDO UM DE SEUS FILHOS** (1820-1823). Goya, Museu do Prado, Madri.

ANEXO E